

# Um presidente desesperado

Ao receber a nova diretoria da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o presidente José Sarney assumiu a humildade própria dos cristãos: *Confiteor omnipotente Deo...* Nada a objetar que, diante dos antistes que representam a Igreja à qual pertence, o chefe de Estado admita suas falhas e até mesmo suas culpas. O que causou estranheza, porém, é que ao ato de contrição s. exa. tivesse acrescentado a conclusão desanimadora e desconcertante: "O povo brasileiro tem razão para não ter esperança, pois até agora o governo, os partidos políticos e os grupos mais representativos da sociedade não foram capazes de apresentar um caminho para os graves problemas do País". Na Câmara dos Comuns, se ouvisse declaração desse teor, a bancada da oposição se levantaria e em coro exclamaria: vergonha, vergonha! E os gritos de "renuncie" ecoariam pela vetusta casa de leis de Westminster. No Brasil, o porta-voz da Presidência, indagado sobre o fato, limitou-se a dizer que não tem orientação para comentar a frase!

Nem originalidade houve no desabafo do sr. Sarney: o presidente Figueiredo já tinha entrado para o anedotário popular, ainda que com maior estardalhaço, ao recomendar aos mutuários do BNH que dessem um tiro no ouvido, dada a impossibilidade de saldar seus débitos. O que espanta na confissão do presidente Sarney, que em tudo é oposto ao general João Figueiredo, é que nada escapa a seu pessimismo, que é mais do que isso, no entanto: é nihilismo completo a admissão de que não tem idéias criadoras nem seus ministros são capazes de formular planos coerentes para enfrentar a realidade, e que nesse caminho destruidor marcham os partidos e os grupos sociais representativos da sociedade. Depois da confissão do chefe do Executivo aos bispos, que resta aos brasileiros se não seguir o conselho do general antecessor, ou de qualquer anarquista que saia por aí gritan-

do, como o espanhol da anedota, empolgado por uma manifestação clubística: *Bota fogo al palacio?*

O relato que d. Antônio Celso Queiroz, novo secretário-geral da CNBB, fez da conversa com o presidente da República é de dramaticidade sem igual. Vê-se através dele um chefe de governo abatido pelo que não se fez; um presidente que sabe que a crise é grande e séria e que, passados dois anos de gestão, são patentes o desestímulo e a desconfiança. O novo retrato do chefe de Estado é de pessoa descrente naquilo que fez e naquilo que anunciou como grandes realizações de seu governo; alguém que nem sequer acredita no plano econômico que anunciou pela televisão: o novo plano econômico é uma "possível saída".

Quando, antes do anúncio do plano, dizíamos que a nau do Estado parecia sem timoneiro, corremos o risco de ser tomados por pessimistas; hoje sabemos haver apenas retratado parte da realidade. De fato, se o presidente da República se entusiasma diante das câmeras de televisão e dos jornalistas e dá entrevista cheia de vida e ardor, anunciando que o Brasil está no caminho da solução de seus problemas, e dias depois se prostra, vítima da descrença em si e nos demais — se isso acontece, o mínimo que se pode dizer é que a cabina de comando realmente pode, de um momento para outro, ficar vazia, pois o piloto é sujeito a perigosas flutuações de humor.

É difícil saber qual o Brasil que o presidente tem diante dos olhos, bem como adivinhar as súbitas mudanças de ânimo que se sucedem. Aqueles que mostrarem disposição de secundar o chefe de Estado em sua cruzada para redimir os "mais pobres", ou fazer que a indústria nacional se recupere de seu atraso tecnológico, correrão o risco de ver o sr. José Sarney, num determinado momento, enveredar por outro atalho, absolutamente imprevisível. Da mesma ma-

neira, se um pugilo de patriotas decidir-se a arrancar o presidente de seu pessimismo, buscando infundir-lhe coragem e ânimo, poderá surpreender-se vendo-o lépido e feliz a conduzir a política para outro rumo. Tais variações de humor explicam o fato de a política nacional ter sido conduzida até agora de forma ambígua e contraditória: a circunstância de o presidente considerar que quatro anos seria o prazo ideal para seu mandato e depois investir contra a Constituinte, fixando-o em cinco; jogar-se de corpo inteiro no Plano Cruzado, anunciando a chegada do milênio, e depois admitir publicamente que a economia está arrasada. Não há governo que resista a essas mutações súbitas, pois elas impedem que se mobilizem apoios e se desarticulem oposições. Criam, em última instância, o descrédito em torno do Executivo e aumentam a falta de confiança nos que dirigem, contribuindo para tornar cada vez mais séria a crise de autoridade.

Razões para esperança há muitas. Basta percorrer o Brasil, o verdadeiro, aquele que produz. Basta conhecer a juventude que milita nas fábricas e nos laboratórios empresariais e universitários; basta ver a luta diária dos trabalhadores para ingressar na abundância; basta ver como os homens da produção reagem com fé aos empecilhos que o Executivo lhes cria; basta palmilhar o interior do Sul e do Centro-Oeste, para não dizer do Norte, para ter a certeza de que persiste não só a esperança, mas também a confiança num Brasil de brilhante futuro se o governo não se intrrometer e não atrapalhar. Enfim, num Brasil cuja grandeza os políticos lhe vêm negando há decênios.

Nós acreditamos no Brasil e por isso temos esperança nele. Pena é que o presidente da República dê exemplo de desesperança ao povo. Um brilhante escritor inglês diria que este é um pecado contra a vir-